

PAULO HENRIQUE ROSESTOLATO



**A ARTE DO GRAFITE NO ESPAÇO EDUCATIVO COMO FORMA DE  
SOCIALIZAÇÃO E EXPRESSÃO CULTURAL**

Belo Horizonte

2011

PAULO HENRIQUE ROSESTOLATO

**A ARTE DO GRAFITE NO ESPAÇO EDUCATIVO COMO FORMA DE  
SOCIALIZAÇÃO E EXPRESSÃO CULTURAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Amir Brito Cadôr –  
EBA/UFMG

Belo Horizonte

2011

Rosestolato, Paulo Henrique

A arte do grafite no espaço educativo como forma de socialização e expressão cultural: Especialização Em Ensino de Artes Visuais / Paulo Henrique Rosestolato. - 2011  
47 f.

Orientador (a): Amir Brito Cadôr

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Cadôr, Amir Brito II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes III. Título.



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada *A arte do grafite no espaço educativo como forma de socialização e expressão cultural*, de autoria de Paulo Henrique Rosestolato, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Amir Brito Cadôr (orientador)

---

Prof<sup>a</sup> Juliana Gouthier Macedo

---

Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 07 de outubro de 2011.

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador prof<sup>o</sup> Amir Brito Cadôr que pacientemente me auxiliou nesta monografia, à minha família, responsável primeira pelas minhas conquistas, a Deus, quem me garantiu condições para vencer mais essa etapa, a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, fizeram parte deste trabalho e a todos os amantes e propagadores da arte.

## RESUMO

A presente monografia apresenta uma investigação a cerca do trabalho com grafite nas aulas de Arte dentro da escola formal. Para realização deste trabalho foram utilizados pressupostos teóricos com base na história do grafite, contextualizando o assunto com estratégias de trabalho a partir de um planejamento prático e reflexivo, aproximando o aluno da arte do grafite, reforçando assim, a importância da inserção desta manifestação artística dentro do espaço educativo, como forma de socialização e expressão cultural. O trabalho apresenta as aulas realizadas com um grupo de alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Técnica de Formação Gerencial de Varginha, partindo da reflexão sobre a diferenciação entre um trabalho com grafite e a pichação, as noções de desenho, pintura, luz, sombra, volume, perspectiva, profundidade, culminando com a criação artística dos mesmos, que se expressaram com uma pintura feita num muro interno da escola. A partir da experiência obtida com o desenvolvimento do projeto de grafite na escola, foi possível perceber a importância deste trabalho como uma possibilidade de contribuir com a ampliação do universo de conhecimento dos alunos, e também, refletir sobre a conscientização a cerca da preservação dos patrimônios públicos, a riqueza desta manifestação artística que ainda caminha a passos lentos e a contribuição no processo de construção da identidade do aluno.

Palavras-chave: Grafite. Pichação. Arte Contemporânea. Socialização. Expressão cultural. Identidade.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Você sabe o que é grafite.....	37
Gráfico 2 – Existe diferença entre o grafite e a pichação? .....	37
Gráfico 3 – Pode-se definir o grafite, como: manifestação artística ou vandalismo?.....	38
Gráfico 4 – O grafite deve ser incentivado ou proibido? .....	38
Gráfico 5 – Você já trabalhou com grafite na escola, na disciplina de arte? ...	39
Gráfico 6 – Você considera importante incluir o grafite na disciplina de arte?	39
Gráfico 7 – Você já viu grafite em sua cidade?.....	40
Gráfico 8 – E pichação?.....	40
Gráfico 9 – Na sua opinião, por que o grafite não é, ou se sim, pouco trabalhado na escola? Preconceito, desinteresse, falta de profissional capacitado ou falta de valorização desta forma de arte? .....	41
Gráfico 10 – Você tem/teria interesse em praticar o grafite? .....	41
Figura 1 – Obra de Carlos Matuk e Waldemar Zaidler – São Paulo (Tamanho 1600 x 1200) .....	14
Figura 2 – Grupo Tupi não dá, composto por Carlos Delfino, Jaime Prades e Milton Sogabe – São Paulo (Tamanho 470 x 371) .....	14
Figura 3 – Capa de livro com carimbos e técnica do stencil e spray, de Carlos Matuck – São Paulo (Tamanho 674 x 496).....	14
Figura 4 – Foto de um cenário como sugestão para desenho com objetos trazidos pelos alunos .....	42
Figura 5 – Foto dos alunos desenhando uma parte do cenário .....	42

Figura 6 – Desenho de um aluno com base no cenário composto em sala de aula com objetos trazidos de casa .....	43
Figura 7 – Desenho de um aluno com base no cenário composto em sala de aula com objetos trazidos de casa .....	43
Figura 8 – Foto de um aluno na aula sobre efeitos de profundidade .....	43
Figura 9 – Foto dos alunos na aula sobre conceitos de perspectiva .....	43
Figura 10 – Foto dos alunos elaborando um projeto de desenho com pintura a partir das cores primárias.....	43
Figura 11 – Desenho de um aluno desenvolvendo o efeito da perspectiva ....	43
Figura 12 – Desenho de um aluno desenvolvendo o efeito da perspectiva ....	44
Figura 13 – Desenho de um aluno desenvolvendo a técnica da profundidade	44
Figura 14 – Desenho de um aluno desenvolvendo a técnica da profundidade	44
Figura 15 – Alunos desenhando esboço para a pintura do muro .....	44
Figura 16 – Alunos desenhando esboço para a pintura do muro.....	44
Figura 17 – Desenho de um aluno desenvolvendo as técnicas de luz, sombra e volume .....	44
Figura 18 – Desenho de um aluno desenvolvendo as técnicas de luz, sombra e volume .....	45
Figura 19 – Desenho do esboço para a pintura do muro .....	45
Figura 20 – Aluno preparando o muro para o início da grafitação .....	45
Figura 21 – Grupo de alunos preparando o muro para o início da grafitação	45
Figura 22 – Foto do processo de grafitação do muro .....	46
Figura 23 – Foto da grafitação final desenvolvida pelos alunos .....	46

## SUMÁRIO

Introdução .....	09
1 Grafite: arte da contemporaneidade.....	11
2 Grafite pelos muros da escola.....	17
2.1 E por falar em grafite.....	18
2.2 Resultado da pesquisa: detalhamento dos gráficos percentuais .....	19
2.3 Grafite: a escrita das ruas – Planos de aula do projeto de trabalho com grafite dentro do espaço educativo .....	21
3 Grafite dentro do muro escolar.....	29
3.1 O grafite e a construção de identidade.....	30
3.2 Relato da experiência.....	32
Considerações finais.....	34
Referências.....	36
Anexos .....	37
Anexo I: Gráficos percentuais do questionário aplicado aos alunos do 1º e 2º anos do ensino médio da escola ETFG de Varginha.....	37
Anexos II: Fotografias .....	42

## INTRODUÇÃO

Quem nunca se deparou com muros, fachadas, espaços públicos diversos decorados com desenhos expressivos e coloridos por cores ácidas marcados pela expressividade de uma latinha de spray? Isto é uma forma de arte contemporânea, a arte do grafite.

O grafite é uma manifestação artística que traz consigo uma manifestação expressiva e cidadã, diferentemente da pichação, que se caracteriza apenas como ato de vandalismo e poluição visual. A palavra grafite já traz em si o significado de “marca ou inscrição que é feita em um muro”. (ALENCAR, Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/artes/grafite.htm>>. Acesso em: 20\_mai\_2011)

A arte de registrar pinturas em paredes é uma forma milenar de representação de ideias e expressão humana, conforme acompanhamos na pré-história com as pinturas rupestres das cavernas.

Em um país onde a diversidade cultural tem nas artes uma de suas expressões mais significativas, constituindo um amplo leque de possibilidade de aprendizagem, não se concebe a não inclusão deste movimento artístico como um fator de fundamental importância nas escolas brasileiras.

Por este motivo, esta monografia procura discutir a importância da inclusão do trabalho com grafite no espaço educativo não com o objetivo de formar artistas ou simplesmente desenvolver e praticar a técnica. Mas sim, refletir e compreender todo o seu significado, as ideologias que existem nesta expressão artística, as motivações, o que se pretende com as obras, enfim, apresentar a arte do grafite de forma que possa contribuir para um resgate cultural, despertar a identidade de construção da cidadania, além de promover uma maior interação social e participar do processo de ensino/aprendizagem.

A verdadeira educação deve priorizar valores, metas, entre outros, para formar o homem para a vida. O grafite é uma arte popular e também uma maneira de contrapor a pichação.

A intenção é tornar real o grafite na escola, fazendo deixar de ser uma arte confundida com a pichação ou apenas entendida e vista como um trabalho de recuperação de crianças e adolescentes de periferia que se encontram em

situação de risco e/ou em conflito com a lei, passando a ser uma proposta pedagógica, a partir do movimento em que utilizamos suas atividades para a contribuição da formação cultural dos nossos alunos. Assim, entenderemos melhor a origem e a evolução histórica do grafite, desenvolvendo uma proposta compatível com as exigências do que seja considerado um bom ensino.

É de suma importância proporcionar aos alunos uma educação humanizante, um trabalho de arte por meio do grafite fundamentado na sua contribuição para uma interação qualitativa ao meio-social.

Diante de um tema ainda pouco trabalhado pelos educadores em Varginha, introduzir o grafite na escola equivale a um dos tipos de alfabetização, pois além de ser um ótimo recurso para desenvolver uma forma diferente de linguagem, sendo esta através da representação das pinturas, propõe-se uma nova estrutura pedagógica, que busca ampliar o universo de conhecimento cultural do aluno em busca de um novo ser humano, um ser pensante, com direito de opinar, interferir e modificar as situações mediante suas necessidades e vivências sócio-culturais.

Sendo assim, entenderemos o porquê da arte do grafite na escola, abordando esta, como uma importante forma de reflexão e experimentação dos alunos a partir de conceitos como preconceito, expressão popular, arte menor, organização social, patrimônios, poluição visual, cor, cidadania, cultura, pichação, objetivando uma complementação no processo ensino/aprendizagem.

## CAPÍTULO 1

### GRAFITE: ARTE DA CONTEMPORANEIDADE

Arte é a oportunidade de uma pessoa explorar, construir e aumentar seu conhecimento, desenvolver suas habilidades, articular e realizar trabalhos estéticos e explorar seus sentimentos. O ensino de Arte deve possibilitar a todos os alunos a construção de conhecimentos que interajam com sua emoção, através do pensar, do apreciar e do fazer arte. (PIMENTEL et al, 2006, p.12)

Viajando através dos tempos, encontramos num passado remoto a era da ascensão da representação artística do homem através da imagem. Na pré-história, acompanhamos os primeiros registros de figuras feitas nas paredes de rocha das cavernas, denominada arte rupestre. Pode-se dizer que essa representação do cotidiano do homem pré-histórico com o desenho de animais, símbolos, caçadores, as mãos em negativo<sup>1</sup>, foram os primeiros exemplos da arte do grafite, onde naquele contexto os suportes eram as cavernas.

A palavra grafite, do italiano *graffiti*, plural de *graffito*, quer dizer “marca ou inscrição feita em um muro”, denominação dada às marcas feitas nas paredes desde o Império Romano, onde o povo costumava registrar com carvão manifestações de protesto, leis, ordens comuns e acontecimentos públicos diversos. Foram encontradas algumas tumbas com marcas de expressão do grafite datadas de 79 d.C. (ALENCAR, Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/artes/grafite.htm>>. Acesso em: 20\_mai\_2011)

Muitos anos se passaram e na década de 1970, surgem as primeiras manifestações de grafite, na periferia de Nova York, Estados Unidos. Os jovens dos subúrbios em meio ao alto índice de violência, drogas, pobreza, racismo se dividiam em gangues rivais duelando em busca de espaço territorial se comunicando em códigos, desenhos imperceptíveis nos muros, uma espécie de linguagem secreta, defendendo seus bairros.

---

<sup>1</sup> Um dos primeiros registros deixados pelo homem por volta de 30 mil anos atrás, no período Paleolítico. Consiste na obtenção de um pó colorido através da trituração de rochas que com o auxílio de um canudo, o mesmo era soprado sobre as mãos postas na parede. Colorindo apenas a área ao entorno da mão. (PROENÇA, 2005, p.6)

Posteriormente, uma ONG foi criada para tentar solucionar as dificuldades enfrentadas por essas comunidades periféricas e acabar com a violência. Desta maneira, criaram duelos de paz, não violentos, onde as gangs disputavam entre si a partir de manifestações artísticas. Surgia então o movimento Hip Hop, com quatro elementos, sendo estes: o MC, mestre de cerimônia que produz as rimas, os rapper's; o DJ, aquele que fornece as batidas para o MC criar as rimas; o B-boy ou B-girl, a pessoa que pratica a dança o "break" (um estilo de dança de rua) e o Grafite, a expressão artística de pintura a partir do hip hop.

O Hip Hop é uma manifestação da cultura das ruas, que procura expressar nos espaços públicos mensagens carregadas de conteúdo político-social, normalmente denunciando a violência e a perseguição policial, a discriminação social e racial, a falta de perspectivas. Mesmo com esta postura reativa, o movimento faz um convite à festa, à dança e ao encontro, como é comum em bailes e apresentações nas periferias de grandes cidades brasileiras. Surge como um canal para manifestar a revolta e afirmar a identidade e auto-estima de seus membros, quase todos descendentes de africanos (afrodescendentes), com isso, diferenciavam-se em boa medida das gangues urbanas. Existiam quase sempre no fio da navalha, nos limites estreitos entre a legalidade e a ilegalidade. (GIANSANTI, 2008 apud VIANA, 2009, p.75)

A partir do *hip hop*, o que então era apenas código de rivalidades entre gangues se torna uma arte espalhando-se pelo mundo. O grafiteiro é o nome dado a pessoa que trabalha com grafite, e *writers* (escritores), é a denominação dada ao grafiteiro que desenha as letras.

Com muita cor e técnica, o Grafite pode se apresentar como uma homenagem a grandes artistas, letras e personagens caricatas, chamando a atenção da população para problemas sociais, políticos, econômicos, buscando na maioria das vezes, transmitir uma mensagem positiva, seja sobre justiça, paz, preservação, valores humanos, enfim, para todos aqueles que se depararem com o grafite. Por esta maneira, a arte do grafite é praticada nos muros, trens, locais onde possam ser vistos pelo maior número de pessoas.

O grafite é uma forma de arte contemporânea de características essencialmente urbanas. São pinturas e desenhos feitos nos muros e

paredes públicos. Não é simplesmente uma pichação, mas uma expressão artística. Tem a intenção de interferir na paisagem da cidade, transmitindo diferentes ideias. Não se trata, portanto, de poluição visual<sup>2</sup>.

Para Santos (2009), muitas polêmicas giram em torno do Grafite. De um lado, é desempenhado com qualidade artística, e do outro, não passa de poluição visual e vandalismo. A pichação ou vandalismo é caracterizado pelo ato de “corromper” muros, edifícios, monumentos e vias públicas.

Embora o grafite tenha sido rotulado por muito tempo como um ato de vandalismo, uma arte menor, o mesmo foi ou está, estabelecendo sua autenticidade enquanto um estilo de arte urbana originada do gueto e que se constitui atualmente como uma das artes de maior representatividade das culturas juvenis, alcançando galerias de arte, como no Artist’Space em 1975 em Nova York. Por sua vez, a arte do grafite exige técnica, planejamento, qualidade, poética, ao contrário da pichação.

O senso comum costuma confundir pichação com grafite. A primeira, entretanto, parece permanecer em um nível de confrontação violenta e provocação da autoridade, sem qualquer pretensão artística. Insere-se em uma espécie de jogo, com dois desafios a serem vencidos, um interno e outro externo ao grupo dos pichadores: deixar sua marca no lugar de mais difícil acesso – seja pela topografia, seja pela vigilância ou proibição de acesso – e não ser pego pela polícia ou vigilância. Quem vence esses desafios é respeitado e legitimado como participante do grupo. Enquanto, o pichador quer ser conhecido apenas dentro de seu grupo, o grafiteiro almeja visibilidade e reconhecimento como artista pela sociedade. (FALCÃO, 2009 apud LAZZARIN, 2007, p.63)

No Brasil, a arte do grafite teve Alex Vallauri (1949-1987) como um dos precursores. Em 1965, de Asmara/Etiópia, chegou a São Paulo e em 1978 estava grafitando variados espaços públicos da cidade, utilizando moldes de papelão e tinta spray. Vallauri morreu em 27 de março de 1987, dia em que foi instituído o Dia Nacional do Grafite em sua homenagem. Também merecem destaque os trabalhos

---

<sup>2</sup> ALENCAR, Valéria Peixoto de. *Uma forma de arte pública*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/artes/grafite:htm>>. Acesso em: 20/maio/2011.

produzidos por Waldemar Zaidler e Carlos Matuck, bem como o grupo Tupinão Dá, composto por Carlos Delfino, Jaime Prades e Milton Sogabe.

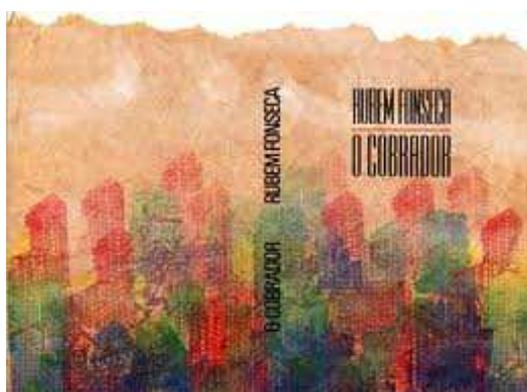
FIGURA 1



FIGURA 2



FIGURA 3



Imagens disponíveis em:  
<http://www.google.com.br/imagens>

O grafite é uma linguagem das artes visuais que pode se caracterizar como estética ou conceitual. A estética refere-se “a expressão plástica figurativa e abstrata”, onde se trabalha com o inconsciente registrando imagens de releituras ou criações próprias do artista através da repetição utilizando o stencil, ou seja, a matriz da arte, proporcionando obter a mesma imagem várias vezes. Esta característica tem sua origem na pop art. A característica denominada conceitual, revela-se como a criação espontânea, revolucionária, “pela discussão e denúncia de valores sociais, políticos e econômicos com humor e ironia, pela apropriação do espaço urbano a fim de discutir, recriar e imprimir a interferência humana na arquitetura da metrópole”. (FALCÃO, 2009, p.11)

É muito comum nos depararmos com muros, fachadas, patrimônios, espaços públicos diversos marcados pela poluição visual da pichação como simples ato de vandalismo ou como forma de protesto, uma maneira contra lei e agressiva. Porém, em meio a essa “misturanga” desenfreada de ações de violação ao visual através da pichação, a arte do grafite nos remete ao belo, a criatividade, a uma composição atraente de cores ácidas completando figuras expressivas, frases ou palavras, transmitindo mensagens de amor, dor, paz ou até mesmo de violência, indignação. É que neste contexto o grafite entra em cena jogando a pichação para os bastidores.

Os grafites definem um novo uso dos espaços urbanos e uma nova forma de comunicação com, e na cidade. E no mesmo sentido que a experiência moderna, nascem de uma relação entre arte, protesto e política. Representam um tipo de experiência particular da expressão artística no universo popular urbano e simbólico. Há sempre nos grafites algo que exprime a busca pelo prazer de impor uma marca visual na cidade, um sentido que vai além da intenção de ser só gesto, ou só uma aparência, incluindo outros aspectos de reconhecimento, de inserção social e da experiência estética como produção e expansão de sentidos. (VIANA, 2007, p. 22)

Apesar da beleza e expressividade do grafite, essa arte ainda é vista e reconhecida como menor e criminosa, não contemplando os planejamentos dos professores de arte das escolas formais. Sendo comum nos depararmos com a prática do grafite apenas nas periferias, em projetos sociais e iniciativas de educação

não-formal como ferramenta de recuperação de crianças e adolescentes em situação de risco social ou em conflito com a lei.

O que evidencia na maioria das vezes, é que muito se fala, muito se questiona sobre a pichação, mas pouco ainda é feito para reforçar e valorizar o grafite. A partir daí, algumas indagações merecem ser feitas: será que a grafiteagem é uma prática artística que deve ser trabalhada apenas nas camadas menos favorecidas da sociedade? Afinal de contas, foram nas periferias, lugares de grande concentração de violência, drogas, pobreza, de Nova York que surgiu esta arte. Existirá ainda um preconceito ou resistência em relação ao grafite? A começar pela expansão da reflexão e prática dos trabalhos com grafite nas aulas de arte das escolas formais, sendo estas públicas e também privadas, reconhecendo esta arte como uma forma autêntica de arte urbana e como expressão artística de uma cultura juvenil da contemporaneidade.

A arte do grafite merece, um novo olhar e uma reflexão aprofundada desenvolvida no espaço educativo, de forma que os alunos possam compreender e entender até mesmo a influência no comportamento social e as mensagens políticas, ambientais, de protesto e, em sua maioria, divertidas. A matéria-prima, a intencionalidade de cada artista que desenvolve esta técnica ou o sentimento que o permeia.

As grafiteagens espalhadas pelos mais variados espaços públicos nos remetem na maioria das vezes a uma espécie de galeria de arte, porém, sendo uma galeria ao ar livre, acessível a todo tipo de público e de todas as camadas sociais. Embora a arte do grafite possa ser vista como uma galeria de rua, esta ainda é entendida como uma arte oculta, silenciosa, não tendo sua visualidade como um significado cultural, de expressão, e sim, como simples ato de vandalismo.

## **CAPÍTULO 2**

### **GRAFITE PELOS MUROS DA ESCOLA**

A linguagem visual nos domina no mundo lá fora e não há nenhuma preocupação dentro da escola em preparar o aluno para ler essas imagens. O público quer conhecer; falta educação para a arte. (SANTOS, 2009 apud BARBOSA 2006, p. 1)

Conforme citado anteriormente, a arte do grafite ainda é vista e entendida por muitas pessoas como forma de vandalismo ao patrimônio público, desmerecendo todo o seu caráter artístico. Porém isso também se dá, devido ao fato de não se trabalhar e valorizar essa arte urbana nascida do gueto na escola formal, dentro das aulas de arte, como uma forma de socialização e expressão cultural, possibilitando a diferenciação entre o grafite e a pichação. É importante levar os alunos a conhecerem e refletirem sobre esta forma visual de cultura, despertando um novo olhar para estes registros.

Cabe ressaltar que a inclusão do grafite na escola é mais do que uma forma de expressão. É proporcionar aos alunos a interação entre sujeitos e realidade, ampliando sua bagagem artística e cultural e apurando o olhar para que mais do que ver e fazer, eles possam também entender a arte do grafite.

A presente monografia vem, portanto, proporcionar uma reflexão e sugerir um projeto de trabalho com grafite na escola, a partir das aulas de arte.

Quando falamos de projetos, o fazemos pelo fato de imaginarmos que possam ser um meio de ajudar-nos a repensar e refazer a escola. Entre outros motivos, porque, por meio deles, estamos reorganizando a gestão do espaço, do tempo, da relação entre os docentes e os alunos, e, sobretudo, porque nos permite redefinir o discurso sobre o saber escolar (aquilo que regula o que se vai ensinar e como deveremos fazê-lo). (VIANA, 2009 apud HERNANDEZ, 2000, p. 179)

Fazendo parte dos objetivos deste trabalho, esteve presente a investigação de caminhos metodológicos para o desenvolvimento do mesmo a partir da constatação

com base numa pesquisa feita com alunos, objetivando suas concepções a cerca do grafite.

## 2.1 – E por falar em grafite

Este trabalho de pesquisa de campo foi desenvolvido com a aplicação de um questionário<sup>3</sup> a 60 (sessenta) alunos do 1º e 2º anos do ensino médio da ETFG - Escola Técnica de Formação Gerencial do município de Varginha.

O objetivo do questionário foi analisar o percentual de conhecimento e envolvimento desses alunos com a arte do grafite, para que a partir daí, seja elaborado um projeto de trabalho com aplicabilidade na escola.

O questionário aplicado aos alunos continha as seguintes perguntas:

1. Você sabe o que é grafite? ( ) sim ( ) não
2. Existe diferença entre o grafite e a pichação? ( ) sim ( ) não
3. Pode-se definir o grafite, como:  
( ) manifestação artística ( ) vandalismo
4. O grafite deve ser incentivado ou proibido?  
( ) incentivado ( ) proibido
5. Você já trabalhou com grafite na escola, na disciplina de arte? ( ) sim ( ) não
6. Você considera importante incluir o grafite na disciplina de arte?  
( ) sim ( ) não
7. Você já viu grafite em sua cidade? ( ) sim ( ) não
8. E pichação? ( ) sim ( ) não
9. Na sua opinião, por que o grafite é, pouco trabalhado na escola?  
( ) preconceito  
( ) desinteresse  
( ) falta de profissional capacitado  
( ) falta de valorização desta forma de arte
10. Você tem/teria interesse em praticar o grafite? ( ) sim ( ) não

---

<sup>3</sup> O questionário aplicado aos alunos foi elaborado com base no trabalho de Carlos Alberto Falcão (2009).

A aplicação deste questionário com os alunos do 1º e 2º anos da escola ETFG se deu pelo fato de ser uma escola técnica de alunos do ensino médio e, sendo assim, são alunos provenientes de variadas escolas de Varginha e região, isso permite uma pesquisa mais ampla, não se restringindo apenas a alunos de uma mesma escola.

## **2.2 – Resultado da pesquisa: detalhamento dos gráficos percentuais**

Conforme o resultado percentual, apontado nos gráficos, a partir da resposta ao questionário, percebe-se que:

- 95% deles afirmaram conhecer a arte do grafite e apenas 1% não percebe diferença entre o grafite e a pichação, como nos mostra o gráfico 2;
- Quase todos os alunos, ou seja, 95%, definem o grafite como uma manifestação artística e acreditam que esta arte deve ser incentivada. Apenas 5% vêem o mesmo como vandalismo optando pela proibição da grafiteagem;
- Fazendo um levantamento do envolvimento dos alunos com a arte do grafite na escola, nas aulas de arte, constatou-se que 95% nunca trabalhou com esta técnica na escola, enquanto que 5% afirmou já ter desenvolvido algum trabalho com grafite por iniciativa do(a) professor(a) de arte;
- Embora a grande maioria dos alunos nunca teve oportunidade de trabalhar com o grafite, 80% deles acreditam ser importante o incluir nas aulas de arte;
- Buscando perceber o índice de vandalismo aos patrimônios através da pichação e os registros feitos com o grafite no município de Varginha, 70% deles já viram grafite em algum lugar da cidade, enquanto que 90% afirmaram terem visto marcas de pichação. Um resultado que contribui para o objetivo desta monografia, uma vez que apresento a proposta de inclusão da arte do grafite na escola, também como uma maneira de contrapor e se não acabar, mas pelo menos diminuir a pichação.
- Diagnosticando o possível motivo pelo qual o grafite não é trabalhado na escola, no gráfico 9 temos um percentual de 70% de alunos que acreditam ser a falta de valorização desta forma de arte. Nesta questão, muitos alunos questionaram sobre a possibilidade de marcar duas alternativas, sendo a segunda o preconceito. Segundo

eles, a falta de valorização está inteiramente ligada ao preconceito, confundindo o grafite como pichação e vendo-o como uma arte das favelas, crimes praticados por marginais.

- E, finalizando, a pesquisa mostra o interesse de 70% dos alunos em terem contato com a arte do grafite, conhecendo a sua história e aprendendo a técnica. Ao responderem esta última pergunta, alguns dos alunos perguntaram se iria ter algum projeto com esta arte na escola e ofereceram o muro da casa, do sítio ou da empresa do pai para ser grafitado.

## 2.3 - Grafite: a escrita das ruas

### Planos de aula do projeto de trabalho com grafite dentro do espaço educativo

<b>Aula 01</b>	Diferenciando grafite de pichação
<b>Material:</b> Sala de audiovisual, com: computador com acesso a internet ou vídeos salvos em pen drive, data show e som.	
<b>Objetivo(s):</b> Apresentar os conceitos de grafite como sendo uma expressão da arte visual contemporânea e a pichação, ato de vandalismo, de violação do espaço público, crime; Levar os alunos a perceberem que o grafite e a pichação têm pontos comuns, mas diferenciam em relação a uma intencionalidade também estética.	
<b>Desenvolvimento:</b> Levar os alunos para a sala de audiovisual e iniciar o trabalho apresentando os vídeos:  “Graffiti pichação Brasil (Documentário Dano 163 1/2 e 2/2)” enviado em 28/11/2006, por Luciano Spinelli, disponível em <a href="http://www.youtube.com/watch?v=gmeUDjDWANA">http://www.youtube.com/watch?v=gmeUDjDWANA</a> e <a href="http://www.youtube.com/watch?v=Mj_SJmCmkjM;">http://www.youtube.com/watch?v=Mj_SJmCmkjM;</a>  “No muro [Parte 01 e 02] Documentário sobre grafite)” enviado em 05/10/2010, produzido por alunos do curso de jornalismo da Universidade Metodista de São Paulo, disponível em <a href="http://www.youtube.com/watch?v=R55IO73R7Ng">http://www.youtube.com/watch?v=R55IO73R7Ng</a> e <a href="http://www.youtube.com/watch?v=UUIB5qclLtl">http://www.youtube.com/watch?v=UUIB5qclLtl</a> .  Após assistir aos vídeos, promover um breve debate em relação às diferenças entre o grafite e a pichação. Complementando a discussão, ressaltar a arte da pintura mural (Muralismo mexicano), da década de 1930, um conjunto de obras pictóricas realizadas sobre paredes com a técnica do afresco, diferenciando o muralismo do grafite (iniciado na década de 1970). Apresentar as maneiras de trabalhar com o grafite utilizando a tinta spray e/ou rolinhos e a máscara (stencil), processo ao qual possibilita a repetição da arte em vários locais.	

## Aula 02 | Projeto de desenho e pintura

**Material:** Papel canson, lápis, borracha, régua, tintas guache (vermelho, amarelo e azul), pincel, potes e disco de cores impresso em A3.

**Objetivo(s):** Elaborar um projeto de desenho que poderá ser posteriormente ampliado;

Aplicar os conhecimentos de composição cromática a partir do Disco de Cores de Isaac Newton.

**Desenvolvimento:** Iniciar o exercício prático de desenho em papel canson usando o lápis, a borracha e se necessário o apoio da régua, propondo um desenho simples.

O desenho deve partir de um objeto qualquer trazido de casa pelo aluno, combinado anteriormente. Os objetos serão colocados em cima da mesa, que terá por baixo uma toalha de chitão, criando um único cenário. Cada aluno escolhe uma parte do cenário que mais lhe chama a atenção para reproduzir, estando estes, sentados em locais diferenciados pela sala, de maneira que obtenham ângulos diferentes do mesmo cenário, orientando-os quanto a dimensão e proporção no desenho.

Destacar fazendo as seguintes observações:

- A aparência - como a unidade se apresenta;
- O tamanho - a relação entre a unidade e outras referências;
- A posição - o lugar que a unidade ocupa no campo visual em relação a outras formas: se perto ou longe, etc;
- A orientação - como a unidade se mostra: se virada para baixo ou para cima, para a direita ou para esquerda, etc.

Trabalhando com o Disco de Cores (apresentando o mesmo impresso em A3 conforme a figura abaixo) propor aos alunos que pintem seus desenhos utilizando a tinta guache. Porém, disponibilizar aos alunos, apenas tintas nas cores primárias para que façam as misturas e obtenham as demais cores, ampliando os conhecimentos de utilização das cores, orientando-os quanto a cor primária, secundária, terciária, complementar, volume, tom, intensidade, observação, etc.

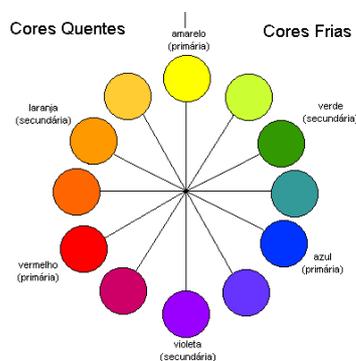


Imagem disponível em:

<http://www.ffcomputadores.com/hst/TEORIA%20da%20COR%20CFPF.htm>

**Aula 03** Aplicando os conceitos de luz, sombra e volume

**Material:** Papel canson, lápis, borracha, régua, giz pastel, computador, data show e bocal e lâmpada de plug na tomada.

**Objetivo(s):** Trabalhar os conceitos de luz, sombra e volume;  
Demonstrar que a construção de cenário depende da técnica a ser utilizada.

**Desenvolvimento:** Introduzir as noções de luz e sombra na construção de cenário livre, utilizando para isso as relações de claro e escuro. Através da direção e intensidade dos traços que se pode criar o volume.

Estas técnicas permitirão a observação do espaço em planos diferenciados.

Disponer um objeto sobre a mesa e com o auxílio de um bocal com lâmpada de plug que se que liga na tomada, proporcionar a diferença que se obtém no objeto a partir da iluminação oferecida (acesa ou apagada) e destacando: “quando há luz, há também sombra, e essa conjugação dos dois elementos permite a percepção do volume. Luz e sombra são companheiras inseparáveis. Sempre que há uma mudança na fonte luminosa, há mudança na sombra, ou seja, à medida que a luz se modifica, a sombra também se transforma. Um mesmo objeto exposto à luz do meio-dia, ou à luz do fim da tarde, ou à luz de uma vela ou de uma lâmpada pode ser percebido com aspectos diferentes”.

Apresentar os exemplos a seguir:



Imagem disponível em:

<http://www.marciolavor.info/blog/?p=497>

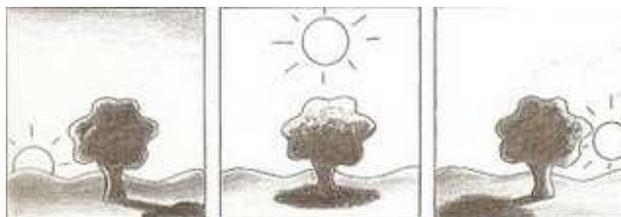


Imagem disponível em:

<http://vandachetto09.blogspot.com/2009/04/atividade-luz-e-sombra-semana-4.html>

**Aula 04** Aplicando os conceitos de perspectiva

**Material:** Papel canson, lápis, borracha, régua, giz pastel, computador e data show.

**Objetivo(s):** Introduzir noções de perspectiva e profundidade;  
Demonstrar as dimensões que podem ser utilizadas na elaboração de um desenho.

**Desenvolvimento:** Introduzir a noção de perspectiva na construção de cenário. Apresentar o esquema abaixo, definindo linha horizontal, observação do espaço a ser utilizado e a percepção que desejamos dar ao observador do desenho. Destacar: em qualquer uma das três imagens, verifica-se que a altura da linha do Horizonte, corresponde sempre à altura a que se encontram os olhos do observador, sendo  $X = Y$ . Em todas as imagens, o ângulo de visão do observador, a posição do cubo e a distância do observador ao objeto, não foram alteradas. A altura [Y] permanece igual nos três exemplos. Apenas a posição em altura do observador foi modificada. O observador começa por estar sentado a uma altura inferior à do cubo, pelo que não pode observar a sua face superior. Ao mesmo tempo, o seu campo de visão do horizonte (distância Z), é muito reduzido. Aumentando a altura do ponto de vista do observador (distância X), o horizonte torna-se mais vasto em profundidade, ao mesmo tempo que o observador, por estar situado a uma altura que já consegue observar a sua face superior do cubo. No último caso, a profundidade do horizonte [Y], consequência da altura a que se encontra o observador, é bem evidente.

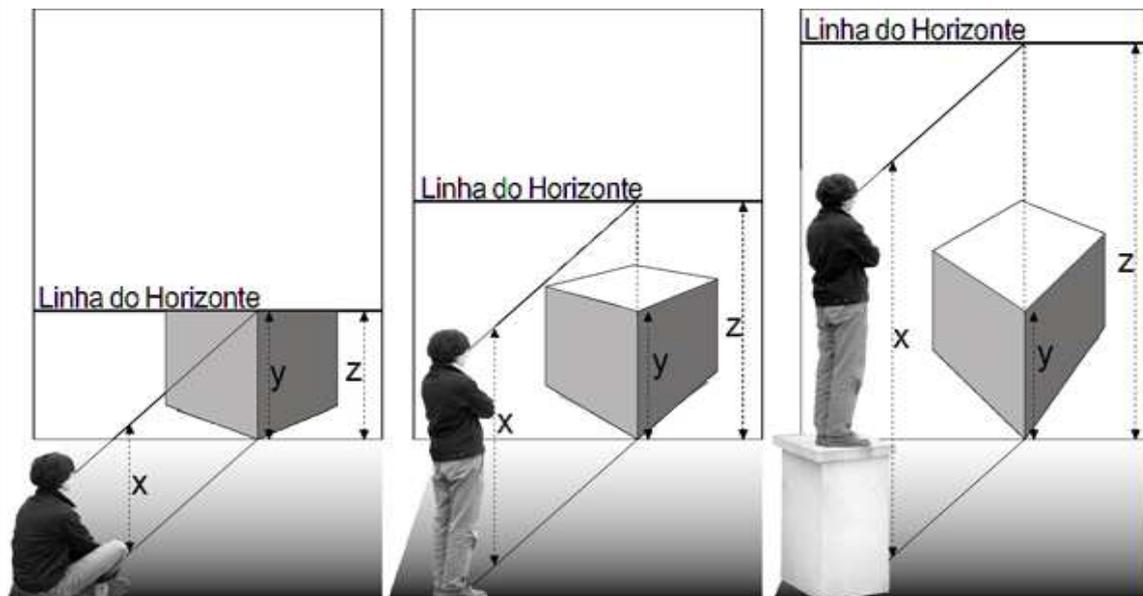
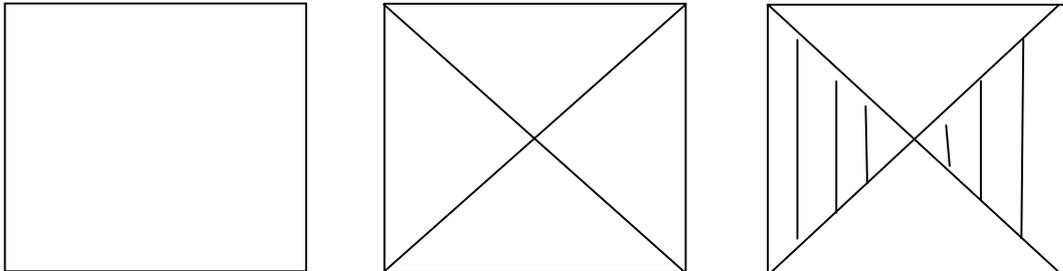


Figura para trabalhar posicionamento do observador em relação ao objeto.

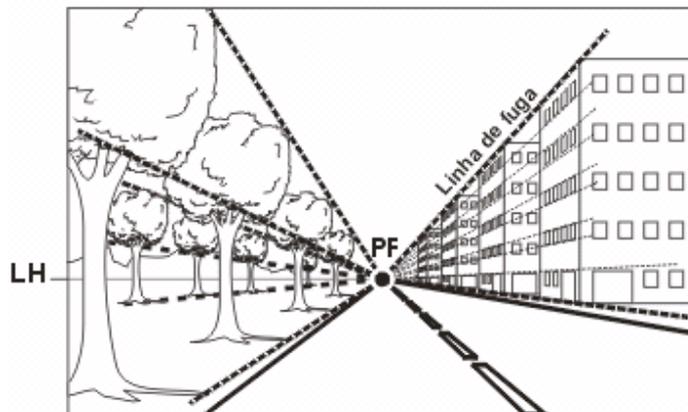
Imagem disponível em:

<http://www.ipb.pt/~luiscano/Perspectivalinear/Nocoesbasicas.pdf>

- Utilizar a sequência abaixo, como sugestão para a construção de um cenário.



- Desenhar um quadrado;
- Cruzar linhas dentro deste quadrado, formando 4 triângulos;
- Nos espaços triangulares da direita e da esquerda, traçar linhas paralelas para formar as paredes de casas, e do outro lado árvores;
- Utilizar os conceitos de linha horizontal e introduzir o conceito de ponto de fuga.



Cada aluno deverá desenhar o cenário acima, porém, alterando a localização do ponto de fuga.

Imagens disponível em:

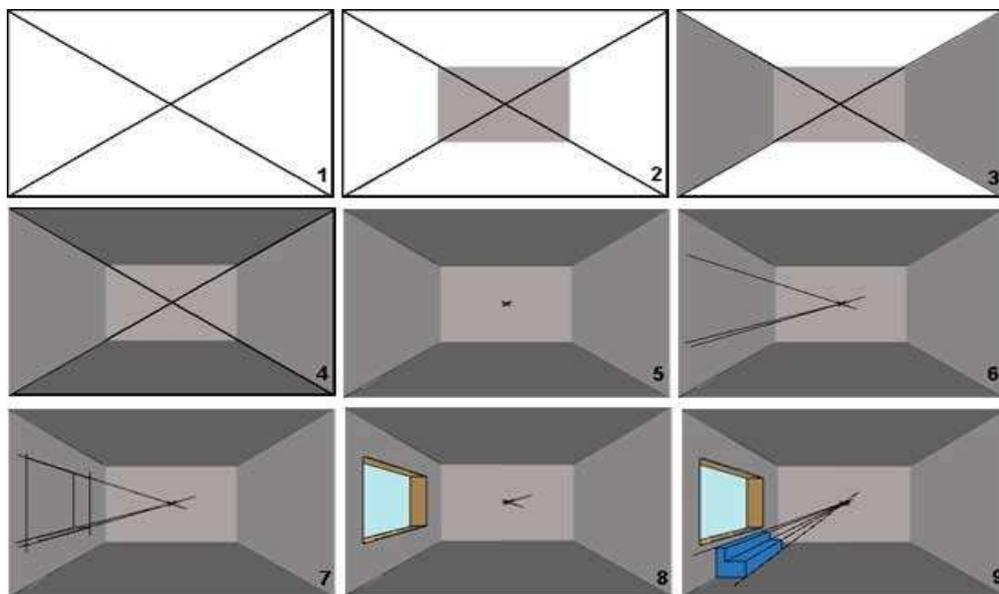
[http://www.sobrearte.com.br/desenho/perspectiva/elementos\\_da\\_perspectiva.php](http://www.sobrearte.com.br/desenho/perspectiva/elementos_da_perspectiva.php)

**Aula 05** Introduzir noção do efeito de profundidade e avaliação da apreensão das técnicas básicas de desenho

**Material:** Papel canson, tinta nanquim, lápis, borracha, régua e giz pastel.

**Objetivo(s):** Aplicar os conceitos de noção espacial e de profundidade; Avaliar se as técnicas de luz e sombra, perspectiva, profundidade e criação de cenários foram aprendidas.

**Desenvolvimento:** Usando a tinta nanquim no desenho feito na aula passada, preencher os espaços para criar efeito de profundidade. Este efeito deverá ser dado oferecendo um ponto de luz como referência e escurecendo aquilo que estiver fora do espaço pré-estabelecido. Posteriormente, propor a construção de um cenário, usando como exemplo o quarto de cada aluno, para aplicar as técnicas apreendidas. Nessa aula, podemos usar como referência a pintura "O quarto" de Van Gogh, aproximando o grafite da História da Arte. Destacar a função da pintura como meio de expressão da realidade do artista. Iniciar o desenho do quarto, seguindo os passos abaixo.



**Construção de um cômodo usando um único Ponto de Fuga**

Imagem disponível em:

[http://www.sobrearte.com.br/desenho/perspectiva/elementos\\_da\\_perspectiva.php](http://www.sobrearte.com.br/desenho/perspectiva/elementos_da_perspectiva.php)

<b>Aula 06 e 07</b>	Criando esboço e ampliando no muro de alvenaria
<b>Material:</b> Papel canson, lápis, borracha, régua, giz pastel, carvão vegetal e muro de alvenaria.	
<b>Objetivo(s):</b> Elaborar um esboço do desenho que será pintado no muro; Ampliar o desenho, transpondo-o para o muro de alvenaria; Conceituar o ponto de vista e aplicá-lo no muro.	
<b>Desenvolvimento:</b> Propor aos alunos que criem individualmente um desenho esboço que gostariam de transpor para o muro. Em seguida, com o auxílio do professor, juntar os desenhos e propor uma construção coletiva de um único esboço, contendo pelo menos uma imagem de cada aluno. Transpor o desenho para a parede de um muro utilizando o carvão vegetal, introduzindo conceitos de dimensão espacial. A dimensão espacial deve a todo momento ser observada com certa distância para receber um olhar crítico sobre a proporção que se deseja dar aos mais diversos elementos que compõe o desenho. Na representação gráfica da perspectiva é comum o ponto de vista ser identificado por uma linha vertical perpendicular a linha do horizonte. O ponto de vista revela-se exatamente no cruzamento dessas duas linhas. Lembrando que a linha do horizonte é o elemento da construção em perspectiva que representa o nível dos olhos do observador.	

<b>Aula 08</b>	Preenchendo o desenho
<b>Material:</b> Latas de tinta spray nas mais diversas cores, máscara respiratória, tecido ou trapos, solventes. EPI: óculos e luvas.	
<b>Objetivo(s):</b> Preencher o desenho elaborado na aula anterior.	
<b>Desenvolvimento:</b>  Utilizando o desenho no muro, fazer o preenchimento inicial, lembrando que primeiro se pinta o fundo, para depois dimensionar o que está na frente.	

<b>Aula 09</b>	Continuando o preenchimento
<b>Material:</b> Latas de tinta spray nas mais diversas cores, máscara respiratória, tecido ou trapos, solventes.	
<b>Objetivo(s):</b> Aplicar os conceitos de luz e sombra no preenchimento do desenho no muro de alvenaria.	
<b>Desenvolvimento:</b>  Retornar nos conceitos de luz e sombra e composição de cores para dar continuidade no preenchimento do grafite.	

<b>Aula 10</b>	Acabamento e apreciação da obra
<b>Material:</b> Câmeras fotográficas.	
<b>Objetivo(s):</b> Retomar todo o processo de trabalho desenvolvido neste projeto, de maneira que os alunos possam avaliar as etapas e técnicas que compõem uma produção artística de grafite e, conseqüentemente, perceberem após a prática, a diferença entre o grafite e a pichação; Avaliar o grafite desenvolvido no muro; Registrar trabalho pronto; Apreciar o exercício artístico.	
<b>Desenvolvimento:</b> Caso seja necessário, fazer o acabamento. Criar um momento de apreciação da obra, avaliando, registrando o momento e promovendo na hora do intervalo, um breve relato do grupo sobre a experiência adquirida no decorrer do projeto, as técnicas aprendidas, as soluções inventadas e a criação do grafite.	

## CAPÍTULO 3

### O GRAFITE DENTRO DO MURO ESCOLAR

O espaço utilizado para se construir os painéis de grafite ao longo de sua história tem sido os muros sociais. Não cabe aqui uma análise profunda sobre a escolha antropológica deste espaço social, mas a reflexão de que a escola (espaço de inclusão social) tem excluído este estilo de arte.

Nenhuma cultura é completa em si mesma, nenhuma cultura se encontra a rigor em plenitude, não só porque há outras que contradizem sua autoridade, mas também porque sua própria atividade formadora de símbolos, sua própria interpelação no processo de representação, linguagem, significação e construção de sentido, sempre sublinha a pretensão a uma identidade ordinária, holística, orgânica.” (BHABHA in RUTHERFORD, 1996, p.36)

Para esse autor, a cultura pode ser considerada um fator humanizador. Onde existe liberdade para a expressão sem repreensão, criação de símbolos e linguagens representativas.

Ao apresentar o projeto de aulas de grafite para um grupo de alunos do 1º ano do Ensino Médio, foi necessário percorrer um referencial teórico antes de iniciar a prática. Baseado nos dados da monografia quantitativa apresentada no capítulo anterior, percebeu-se que os alunos tinham o desejo de conhecer e interagir melhor com o universo do grafite.

A sala de aula constitui-se um grande momento para se confrontar teoria e prática, não só de correntes pedagógicas, mas também de estudos das mais variadas ciências e artes. Portanto, o desenvolvimento das aulas práticas e teóricas iniciou-se dentro da sala de aula e depois ganhou o muro da escola.

O processo de construção de um painel de grafite deve refletir a cultura de onde ele está inserido, para que haja valorização primeira do local e depois do global. Esta atitude aborda a questão social de pertencer ao espaço em que se vive. Assim, o aluno, passa a ter um papel principal em seu meio social: a de ser escritor da realidade. Estes escritores devem estar imbuídos no desejo de registrar e divulgar

suas atividades, dentro de seus círculos de sociabilidade. A identificação do aluno/artista/grafiteiro poderá se dar livremente pela sua assinatura, quer seja símbolo, desenho ou letra.

Do início à culminância das aulas ficou estabelecida a seguinte trajetória: a percepção inicial do grafite; a sedução e envolvimento; o desenvolvimento da técnica; a nomeação; as ações; os resultados obtidos e sua difusão. Neste processo, o aluno em potencial, observa, é influenciado e identifica-se com este fenômeno global e virtual, transformando-se em um integrante desse movimento.

Assim, reafirma-se a reflexão e o propósito do dever de respeitar que “cada um é cada um” com suas experiências, vivências, culturas, habilidades, passando a ser o grande desafio da escola o de recuperar a função cultural, na remuneração do seu papel em cumprir de forma democrática a produção do conhecimento, sem pautar as atividades primordialmente nos resultados, mas sim no processo ensino/aprendizagem.

### **3.1 - O grafite e a construção de identidade**

O educando, Alex, de 15 anos, em depoimento considera: *“Isso me fez sentir único”*.

O termo único talvez legitime a vontade individual de ser único, e a palavra traz em si os dois. O verbete *único* no dicionário Houaiss, traz as seguintes definições: - “de que só existe um no seu gênero ou espécie, que não tem outro igual; - que não tem precedente ou sucessor, do qual só ocorreu um”. Este sentimento de ser e pertencer ao espaço escolar, deixando sua marca registrada ali naquele muro, fez com que o grupo de alunos alavancasse suas emoções e considerações sobre a Arte.

A identidade, se observada pelo prisma acima apresentado, faz parte de um conjunto de afinidades. Primeiramente resultantes de uma atração por um determinado “tema” e, na seqüência, por aproximações, que possibilitem o ingresso virtual e/ou real em grupos de afinidade.

Já o aluno Juliano de 14 anos, declara: *“Um simples muro até então abandonado e apagado aos olhos de todos pelas marcas de pichação, agora significa liberdade de pensamento”*.

É perceptível a satisfação do aluno ao perceber e afirmar que o que antes era algo comum e marcado por sinais de vandalismo, sem nenhum encantamento aos olhos, se tornou uma obra de arte que foi fruto da sua intenção livre, da expressão independente de uma emoção disposta a se render a sua capacidade criativa, aplicando o que foi aprendido com o projeto no muro da escola. Satisfação essa, ligada ao seu sentimento de pertença, se fazendo reconhecer como um grande responsável pelo trabalho.

Cabe ressaltar aqui, que o muro cedido pela direção da escola para a prática do grafite fica numa parte que não é usada pela comunidade escolar, ao lado de um galpão utilizado para as aulas de educação física. Sendo assim, o grafite somente poderá ser visto, nos horários de educação física e mediante algum projeto/evento que se utilize o galpão. Acredita-se que pode ter havido um certo receio da direção escolar em oferecer muros de maior visibilidade. Embora, a justificativa para se fazer nesse muro, tenha sido para esconder os sinais de pichação que ali existiam.

“A revolta radical, nestas condições, está inicialmente em dizer: “Eu existo, eu sou tal, eu habito esta ou aquela rua, eu vivo aqui e agora”. Mas isso seria apenas a revolta da identidade: combater o anonimato reivindicando um nome e uma realidade próprios. Os grafites vão mais longe: ao anonimato eles opõem nomes, mas sim pseudônimos. (BAUDRILLARD,1979, p.37)

A identidade e o pertencimento, entretanto, não podem ser apresentados de forma tão simplificada como: “ver, gostar, querer, comprar e pertencer”, fazendo parte assim de algum grupo de afinidade. As informações recebidas, as seleções feitas, as formas de acesso são diferentes para cada pessoa. Portanto são muitos os fatores que desempenham um papel relevante na construção da identidade. Entre tais fatores podemos citar: a etnia, a nacionalidade, a condição social, o gênero, o local de moradia (bairro), a crença, o talento e habilidades em determinadas técnicas, etc.

Pensando então na identidade como um conjunto de afinidades e de conciliações, a vemos como uma soma de imagens percebidas, assimiladas, experimentadas e vividas coletivamente. Assim, as características supra mencionadas são fortes condicionantes, pois fazem a aproximação do indivíduo com um determinado grupo, ou seja, com um referencial coletivo que valide suas expectativas.

Observando a característica de práxis que o grafite compreende, podemos elencar outra perspectiva para pensarmos a identidade destes atores. A dimensão narrativa que esta prática promove. Na medida em que quanto mais ações estes atores realizam, mais acontecimentos vão se tornando histórias a serem contadas e o repertório individual de cada integrante passa a ser compartilhado pelo grupo através dos relatos das aventuras vividas.

### **3.2 - Relato da experiência**

As aulas de grafite aconteceram conforme o planejamento proposto. Primeiramente foi trabalhado em sala de aula, a reflexão a cerca do grafite e da pichação, diferenciando ambos. Em seguida, desenvolveu-se técnicas de desenho, cor, sombra, perspectiva, etc, para posteriormente partirmos para a aula prática no muro da escola.

Ao iniciar o desenho ampliado no muro, percebemos uma grande dificuldade em ampliar aquilo que havia sido rascunhado no papel. Houve várias tentativas de aproximar o desenho pequeno do que era desejado para ser colocado no muro. Alguns alunos abandonaram o projeto do desenho para criar um novo e devidamente dimensionado. Outros não conseguiram e pediram ajuda do professor e de outros alunos mais habilidosos com o desenho.

Para preencher o desenho houve também dificuldade em manusear a tinta spray, e as condições meteorológicas (ventava muito) não contribuíram para o sucesso do início da empreitada. Em relato posterior o aluno João Pedro, de 15 anos, declarou que pensou em desistir por achar que não tinha as habilidades suficientes para controlar o spray. Outro relato inicial foi do aluno Igor, de 14 anos,

que também pensou em desistir, pois seu trabalho ficou escorrido, mediante a dificuldade em manusear o spray.

Dando continuidade na pintura, foi observado um novo ânimo no segundo dia de preenchimento. Houve uma percepção a respeito do uso das cores, que poderia proporcionar uma nova dinâmica à obra. Em geral, era comum ouvir durante o desenvolvimento da pintura alguns alunos se dizerem espantados ao não se sentirem capazes de produzir um grafite. Para João Pedro, o segundo dia representou uma nova expectativa, vislumbrou a possibilidade de usar as técnicas para fazer propaganda de festas na cidade de Varginha.

Ao passarmos para a fase de acabamento, já era possível ouvir os depoimentos informais de mudança de opinião a respeito do grafite, porque até então, a opinião ainda se conservava como no senso comum, ou seja, que grafite e pichação não tinham muita diferença, apenas sendo “uma pintura permitida e outra não permitida”.

Assim como para o grupo de alunos, o trabalho desenvolvido na escola foi um grande aprendizado também pra mim, que passei a admirar a arte do grafite acompanhando o trabalho de um grafiteiro varginhense num período em que trabalhamos juntos num projeto social. Ao meu ver, elaborar um desenho e depois transpor isso num muro, representava algo de extremo grau de dificuldade. Tantas técnicas, registradas em pequenos e grandes detalhes, compondo uma trajetória pequena, mas já com grande reconhecimento permeando a história do grafite, só me faz acreditar ainda mais que a arte é a manifestação do pensamento, não somente do artista que produz sua obra, mas também, de quem a observa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os estudos realizados para a presente monografia foi possível perceber que não basta apenas inserir o grafite na escola, é preciso também, contrapor a pichação que muitas das vezes pode começar ali mesmo, atrás da porta, nas paredes, no banheiro, na carteira. Inserindo a prática desta arte da contemporaneidade nas aulas de arte, significa muito mais do que querer ensinar o aluno a grafitar, preservando apenas seu caráter pedagógico, e sim, oportunizar ao aluno uma maneira de compartilhar, trocar e reformular esta arte com outras experiências, ultrapassando preconceitos, articulando práticas artísticas conectadas com as práticas sociais e sobretudo às culturas urbanas.

De nada adiantaria, transformar a escola num local de práticas culturais se não possibilitarmos aos alunos a ampliação do seu universo de conhecimento. O trabalho com grafite realizado na escola foi amplamente aceito e apreciado pelo grupo de alunos participantes. Foi possível verificar que o processo de construção do conhecimento através deste trabalho, compreendeu na prática e aprendizagem das técnicas preparatórias até a sua culminância no muro da escola. Porém, este trabalho não tem a intenção de propor uma metodologia pronta para a realização de projetos com grafite na escola, mas a experiência obtida incita a inserção deste trabalho nas aulas de arte, como um ponto de partida do ensino contemporâneo, articulando investigações, experimentações e ampliando a prática de trabalho no ensino de artes.

Em todas as etapas do projeto de grafite da escola, o grupo de alunos participantes se envolveram não somente com as atividades práticas, mas também, com questionamentos e sugestões de trabalhos e iniciativas que poderiam ir além do muro da escola. Os objetivos foram alcançados, pois constatou-se que os alunos compreenderam as diferenças entre grafite e pichação, perceberam esta manifestação artística como sendo uma maneira de socialização e expressão cultural, praticaram e aprenderam as técnicas artísticas que compõem um trabalho de grafite e perceberam nesta arte um apoio para ensino das artes visuais.

Considerando as dificuldades que muitos professores de arte encontram no cotidiano de sua profissão, destaco minha satisfação pessoal com o sucesso obtido no projeto de grafite. Uma vez que foi uma proposta de aprendizagem de técnicas das artes visuais as quais não tenho tanta habilidade e, embora, a escola tenha se mostrado aberta para receber o projeto e os alunos tenham se envolvido significativamente com cada etapa preparatória para a grafiteagem, o trabalho foi proposto aos alunos, mas com o objetivo de uma aprendizagem conjunta, ou seja, por parte tanto do grupo de alunos quanto do professor.

Cada aula que acontecia preparando para a grafiteagem no muro da escola, novas descobertas no campo das artes visuais eram feitas. Desde a simples combinação das cores, através do exemplo do Disco de Cores quanto uma aula mais trabalhada, como a produção de desenhos a partir dos conceitos de perspectiva, profundidade, luz, sombra, volume. A empolgação dos alunos a cada etapa que era trabalhada, despertava o interesse do grupo em continuar com o projeto de grafite ampliando-o para os muros da comunidade onde a escola se insere, numa comunidade de classe média baixa.

Conclui-se, portanto, que o processo de construção do conhecimento no ensino da arte do grafite dentro do espaço educativo, contribui para otimização de uma aula de arte conectada com as novas tendências, interligada ao cotidiano do aluno e ampliando seu universo de conhecimento, valorizando as artes visuais e a partir daí, contribuir com a formação do indivíduo, a socialização e o desenvolvimento de um aluno artisticamente consciente, atuante e propagador de uma arte sem barreiras, sensivelmente tocados pelo seu universo.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Valéria Peixoto de. *Uma forma de arte pública*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/artes/grafite:htm>>. Acesso em: 20\_mai\_2011.
- BARBOSA, Ana Mae. *Intervenções Artes Visuais em debate*. Visualidades (UFG), v. 1, p. 9-28, 2006.
- BAUDRILLARD, Jean. *À sombra das maiorias silenciosas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1979. p. 37.
- BEDOIN, Graziela; MENEZES, Kátia. *Por trás dos muros: horizontes sociais do graffiti*. São Paulo: Peirópolis, 2008.
- CORAGEM, Amarílis Coelho; SILVA, Sidmar Estevam Maia e. *Arte: ensino médio*. Belo Horizonte: Educacional, 2007.
- Dicionário Houaiss. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm>>. Acesso em: 24\_mai\_2011.
- FALCÃO, Carlos Alberto. *Grafite e o ensino de arte*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009.
- LAZZARIN, Luiz Fernando. *Grafite e o ensino da arte*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 59-74, jan./jun. 2007.
- PIMENTEL, Lucia Gouvêa; CUNHA, Evandro José Lemos da; MOURA, José Adolfo. Proposta Curricular – CBC – Arte Ensino Fundamental e Médio. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2006.
- PROENÇA, Graça. *Descobrimo a história da arte*. São Paulo: Ed. Ática, 2005. p. 6-10.
- RUTHERFORD, Jonathan. *O terceiro espaço: entrevista com Homi Bhabha*. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Cidadania. nº 24., IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Ministério da Cultura, p. 35-41. 1996.
- SANTOS, Elicácio Fernandes dos. *Contemporaneidade: grafite como nova proposta para o ensino de arte*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009.
- VIANA, Aelson José. *A arte do grafite para os alunos do ensino fundamental*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2009.
- VIANA, Maria Luiza Dias. *Dissidência e subordinação: um estudo dos grafites como fenômenos estético/cultural e seus desdobramentos*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2007.

## ANEXOS

ANEXO I – Gráficos do questionário aplicado aos alunos do 1º e 2º anos do ensino médio da escola ETFG de Varginha

Gráfico 1 – Você sabe o que é grafite?

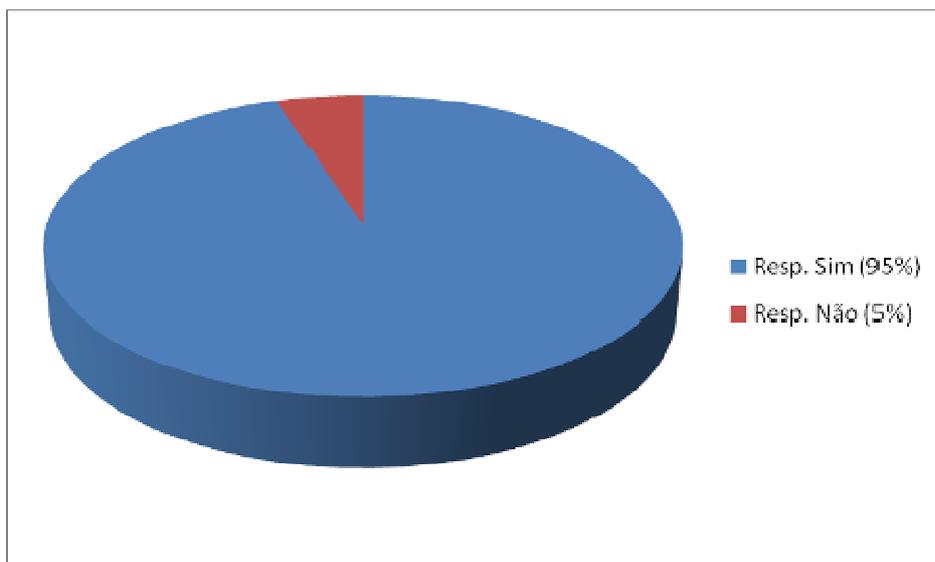


Gráfico 2 – Existe diferença entre o grafite e a pichação?

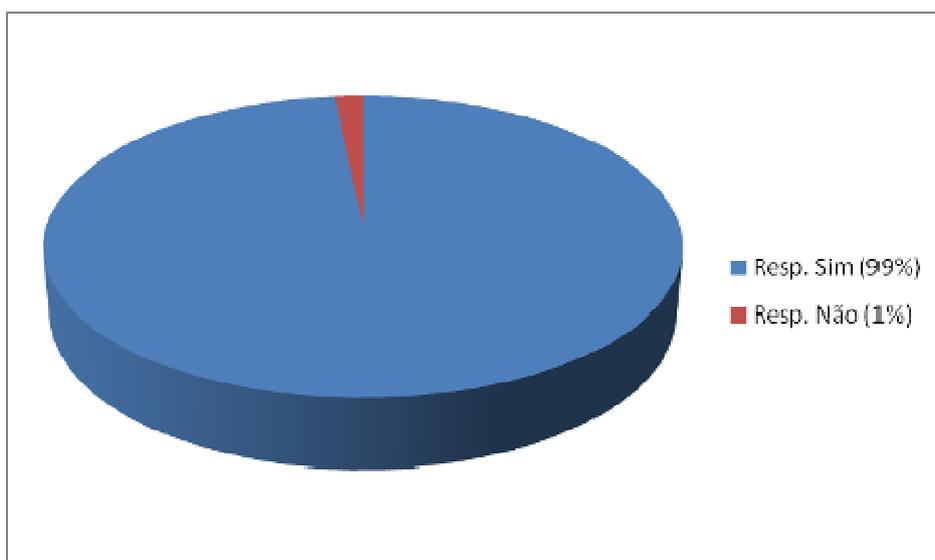


Gráfico 3 – Pode-se definir o grafite, como: manifestação artística ou vandalismo?

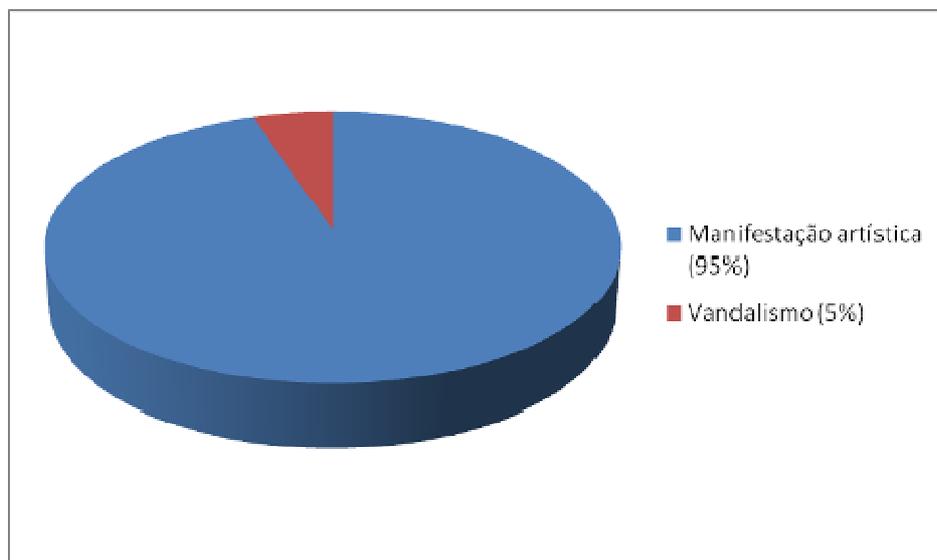


Gráfico 4 – O grafite deve ser incentivado ou proibido?

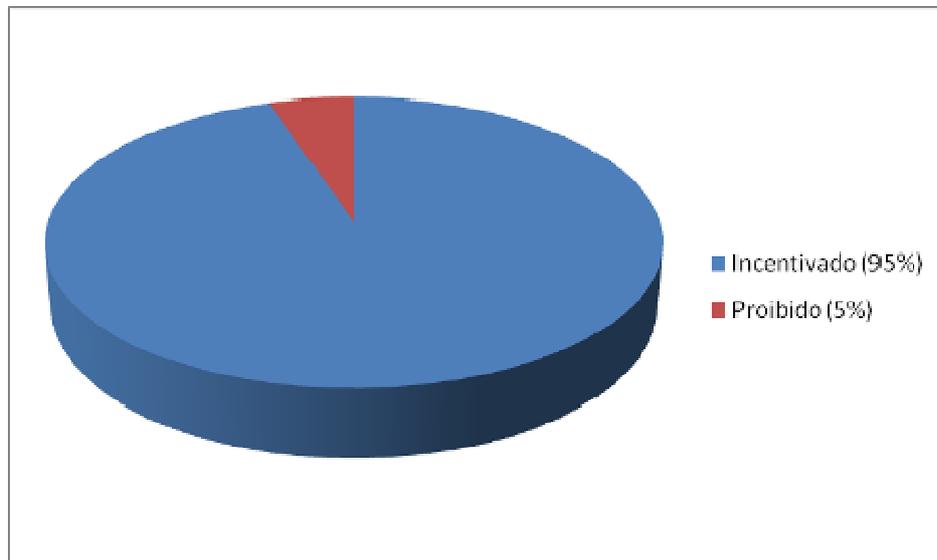


Gráfico 5 – O grafite deve ser incentivado ou proibido?

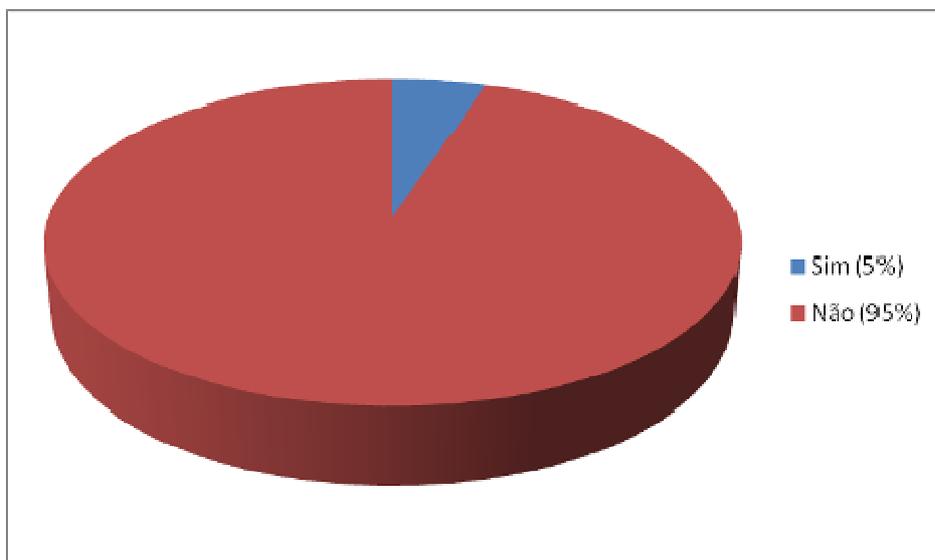


Gráfico 6 – Você considera importante incluir o grafite na disciplina de arte?

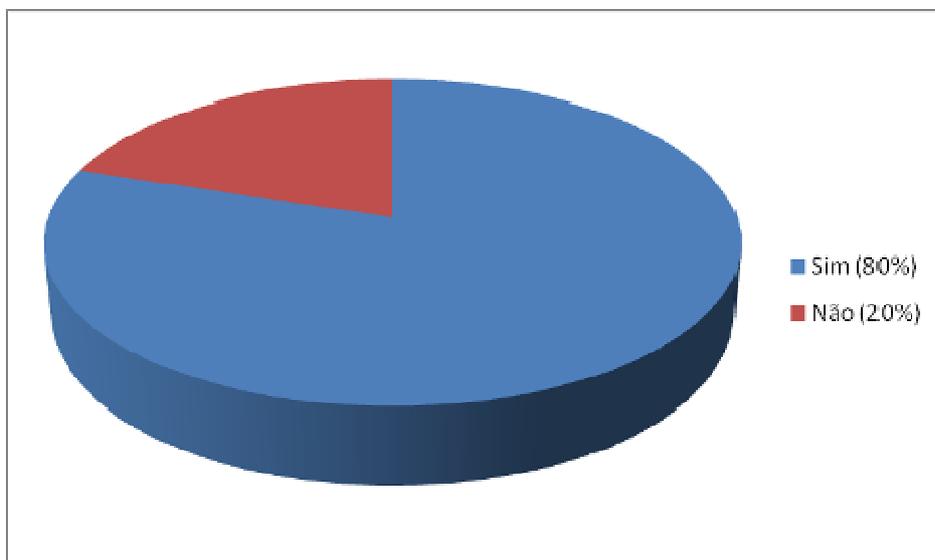


Gráfico 7 – Você já viu grafite em sua cidade?

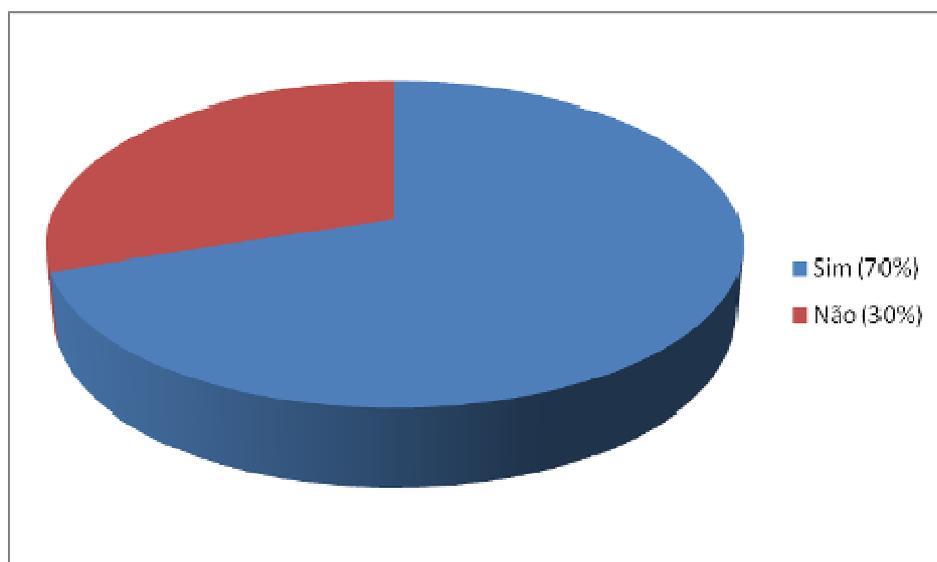


Gráfico 8 – E pichação?

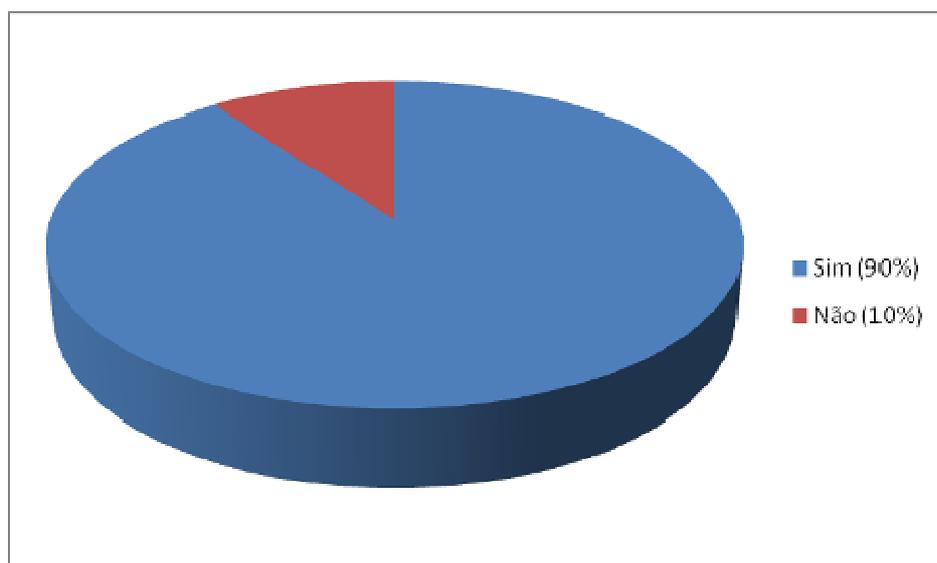


Gráfico 9 – Na sua opinião, por que o grafite não é, ou se sim, pouco trabalhado na escola? Preconceito, desinteresse, falta de profissional capacitado ou falta de valorização desta forma de arte?

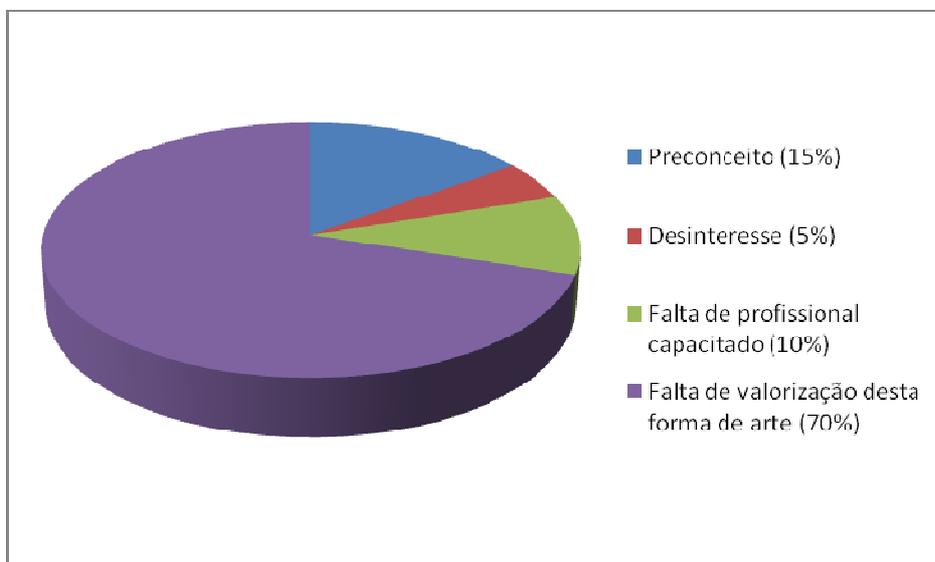
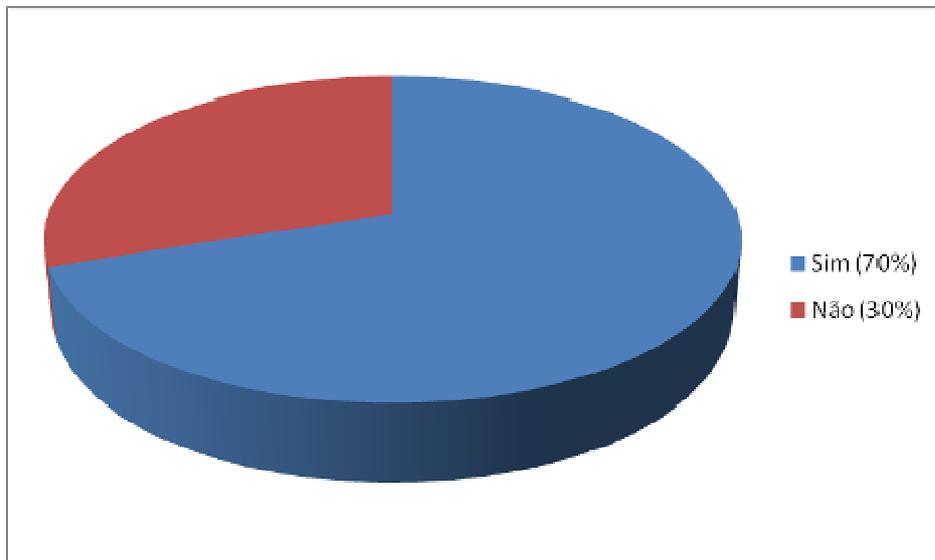


Gráfico 10 – Você tem/teria interesse em praticar o grafite?



## ANEXO II – Fotografias

Nas fotos abaixo, acompanhamos o grupo de alunos nas aulas iniciais do trabalho com grafite na escola ETFG de Varginha. Nestas aulas, foram desenvolvidas técnicas de desenho, pintura, cor, sombra, luz, volume, intensidade, perspectiva, conforme o planejamento apresentado no segundo capítulo desta monografia. Tais práticas serviram como subsídios para a etapa final da grafitação do muro e, contribuíram com a ampliação do universo de conhecimento artístico dos alunos no campo das artes visuais. O grupo de alunos que participou do projeto de grafite se formou mediante a escolha voluntária de participar. As primeiras aulas previstas no planejamento, que consiste na aprendizagem das técnicas visuais, aconteceram seguidas numa única manhã. E a etapa final, da grafitação do muro, foi desenvolvida em duas tardes em que os alunos não estavam em horário de aula.

Figura 4



Figura 5



Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10



Figura 11

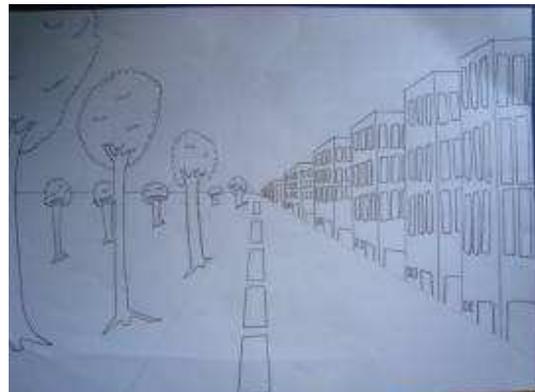


Figura 12



Figura 13

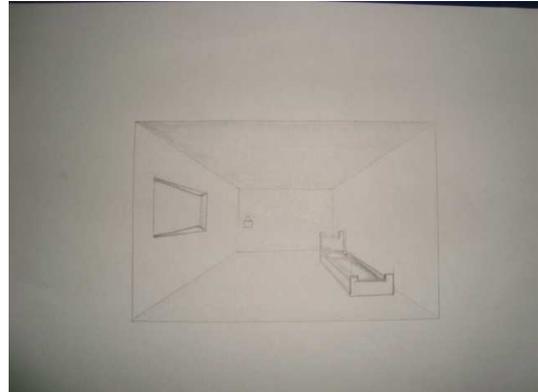


Figura 14

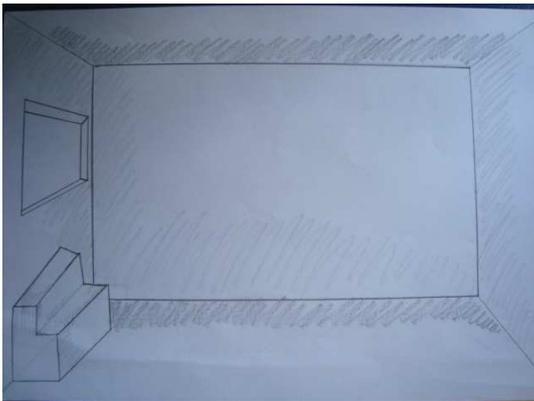


Figura 15

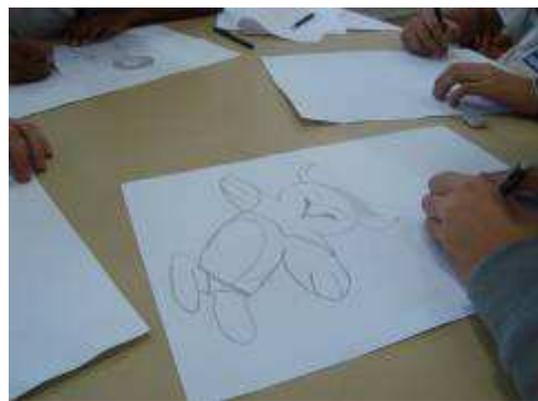


Figura 16



Figura 17

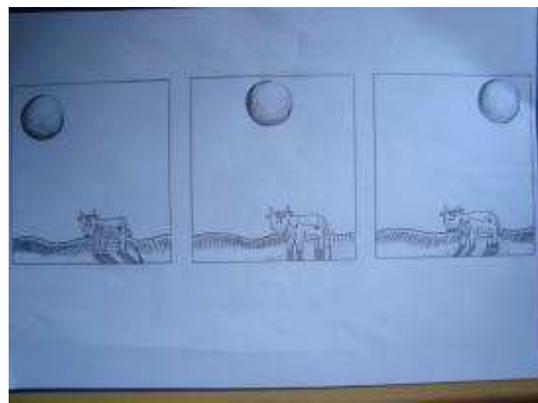


Figura 18

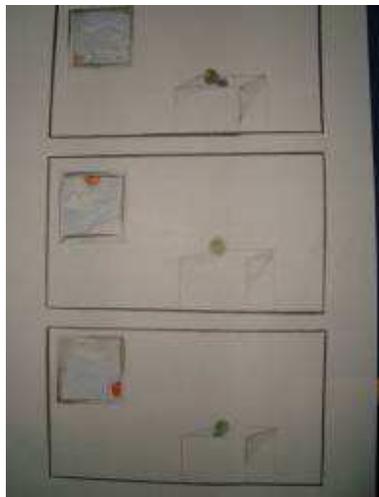


Figura 19



As fotos seguintes, ilustram a fase final dos trabalhos com grafite desenvolvido na escola. Os alunos fazendo a grafitagem no muro, colocando em prática as técnicas aprendidas anteriormente, contextualizando e contribuindo com um melhor resultado e a valorização dessa arte.

Figura 20



Figura 21



Figura 22



Figura 23

